

**Instituto de Investigaciones Gino Germani**

**VI Jornadas de Jóvenes Investigadores**

**10, 11 y 12 de noviembre de 2011**

**Javier Walter Ghibaudi**

**Profesor de la Universidad Federal Fluminense (UFF/BRASIL)**

**javierghibaudi@gmail.com**

**Eje 6: Espacio social - Tiempo - Territorio**

**“Acción colectiva, Territorios y Proyectos en disputa en la Periferia de Buenos Aires”**

### **Resumen**

El presente trabajo tiene como objetivo discutir sobre procesos de acción colectiva de sectores dominados en la Argentina contemporánea, prestando especial atención a sus agentes y las escalas de acción política en disputa. Con este objetivo, analiza dos casos de estudio de organizaciones de desempleados en la Periferia del Área Metropolitana de Buenos Aires durante la década de 2000, tomando como ejes de estudio sus relaciones con procesos de lucha de clase y de territorialización. El trabajo busca dialogar críticamente con los análisis que tienden a reducir y simplificar las transformaciones en la acción colectiva como reacciones a la “exclusión social” y a la “segregación territorial”. En oposición a esas lecturas, el artículo destaca el carácter relacional e histórico de la acción colectiva y los procesos de territorialización impulsados por las organizaciones en estudio, en donde sus Proyectos políticos entran en tensión y conflicto con las prácticas y directrices de las políticas e instituciones dominantes.

## **1. Introdução**

No início da década de 2000, ganham visibilidade na Argentina movimentos sociais que reivindicam relações de trabalho e de poder opostas às dominantes. Particularmente, no ano de 2002, aparecem no dia a dia da imprensa passeatas, ocupações de espaços públicos e privados, e reivindicações diante do poder público de diversos grupos que envolviam assembleias de bairro nos grandes centros, os movimentos de trabalhadores desempregados ou piqueteros, e as fábricas recuperadas – pela ocupação de estabelecimentos por seus trabalhadores reivindicando sua gestão cooperativa. Grande parte desses fenômenos, por sua vez, tem como marco territorial fundamental os principais centros urbanos do país, especialmente a área metropolitana de Buenos Aires (AMBA) e reivindicam também uma ação e identidade territorial, no “bairro”.

Este trabalho busca discutir sobre os processos de ação coletiva de dominados, seus agentes e escalas de ação concretas na Argentina contemporânea e na sua relação com os processos mais gerais de desigualdade territorial. Com esse objetivo reflete a partir de dois casos de organizações de desempregados na Periferia Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA) durante a década de 2000, prestando especial atenção à sua articulação com as transformações na ação do Estado e aos processos de luta de classes e de territorialização vigentes. Entende-se territorialização como o processo a partir do qual relações de poder – nas suas dimensões econômica, social e política – tentam ser construídas no e pelo espaço, seguindo a síntese proposta por Haesbaert (2004). Os movimentos piqueteros enfatizam na sua proposta de ação pública e coletiva uma estratégia centrada na escala do bairro, e parecem assim continuar a trajetória de ações pretéritas de organização popular em Buenos Aires, como as ocupações de terras e organização de serviços no começo da década de 1980 ou, mais longe ainda, as sociedades de bairro surgidas com a imigração na primeira metade do século XX . Para a categoria de classe segue-se a proposta conceitual de E.P. Thompson (2001) quando enfatiza o caráter histórico, processual e relacional das práticas e valores que permitem a identificação de um grupo social em relação a outros a partir de um processo não pré-determinado que vai se construindo ao longo do tempo, sendo central também para este autor um outro conceito: o de lutas de classes.

O trabalho busca dialogar criticamente com análises que acabariam reduzindo as mudanças no capitalismo contemporâneo e na ação coletiva a processos de exclusão social e segregação territorial. Essas análises, ainda, enfatizam o ‘fim das classes’ não somente no discurso dos atores, mas também como categoria de análise pertinente (SVAMPA, 2008) (MERKLEN,

2005). Para essa discussão, são consideradas outras análises que, refletindo sobre grandes cidades na Argentina e no Brasil defendem uma leitura em termos de luta de classes e de relações de dominação (TELLES; CABANES, 2006) (MANZANO, 2009) (VARELA, 2009). Interessa, neste artigo, estudar as continuidades e transformações nas relações de classes e nos processos territoriais associados e que, no debate latino-americano costumavam ser resumidas em termos de relação Centro-Periferia (ROMERO; ROMERO, 2000) (TELLES; CABANES, 2006). O artigo começa com uma breve descrição das tendências dominantes em termos desses processos nas últimas duas décadas em Buenos Aires. Continua apresentando o entendimento mais divulgado na Argentina sobre a ação coletiva em termos de ‘exclusão social’ e ‘segregação territorial’. Após essas referências apresentam-se os casos de estudo e os principais resultados em termos das questões agora apresentadas.

## **2. Ação Coletiva e Território nas últimas duas décadas em Buenos Aires: as leituras da exclusão social e da segregação territorial.**

Pode-se afirmar que a partir da década de 1990, uma relação centro-periferia foi transformada, e acentuada, dentro da área metropolitana de Buenos Aires (AMBA), em prejuízo de seus tradicionais subúrbios pobres. Em outros termos, foi intensificado, com novidades, o processo histórico de oposição, entre Capital e Conurbano – o conjunto de municípios que conformam seus subúrbios (GRIMSON, 2009). Por um lado, na Capital, os setores econômicos mais beneficiados e seus agentes tenderam a se instalar na City — micro-centro da Capital Federal, em tradicionais áreas nobres no litoral norte do AMBA, e em duas territorializações dominantes relativamente novas: a (re)modernização do antigo Puerto Madero, agora para fins de gestão de negócios e moradia de alta renda, e os enclaves de moradia para setores de média-alta e alta renda em ‘bairros privados’ e countries nos subúrbios portenhos (SILVESTRI; GORELIK, 2000) (CUENYA, B.; FIDEL, C.; HERZER, H., 2004). Por outro lado, os mais prejudicados dentro da nova estrutura e dinâmica social tendiam a continuar nos subúrbios de uma Periferia cada vez mais periférica em termos de relações de poder e dominação. Nesse sentido, destacavam-se outras tendências territoriais que também merecem ser chamadas de dominantes, por serem cada vez mais significativas em termos quantitativos, mas fundamentalmente – seguindo a Haesbaert (2004) – por estarem comandadas por ações e decisões a partir dos agentes que exerciam o poder político e econômico. No Conurbano, junto com os relativamente pequenos enclaves dos bairros fechados, aumentaram de forma significativa as moradias precárias nas villas e em assentamentos com pouca ou nenhuma infra-estrutura (CRAVINO, 2008) – onde, aliás, se localizavam a maioria dos trabalhadores

temporários e de serviços domésticos que atendiam os próprios countries (SILVESTRI; GORELIK, 2000).

Em relação de contraposição com essas tendências dominantes podem ser observadas as ações coletivas a partir de dominados citadas na Introdução, especialmente as organizações piqueteras atuantes na periferia de Buenos Aires (SVAMPA; PEREYRA, 2003). Essas ações mereceram, e continuam a provocar, diversas pesquisas e reflexões no âmbito das ciências sociais argentinas, em publicações crescentes em número e tamanho já a partir de 2002. Seus conceitos e teorias guardam também relação com visões sobre a ação coletiva, a integração social e a territorialização divulgadas tanto nos países centrais do capitalismo quanto em América Latina.

Para uma maioria de autores, as experiências de ação coletiva a partir da década de 1990 são protagonizadas por ‘excluídos’ que resistem o processo de mudanças neoliberais (SVAMPA; PEREYRA, 2003) (GIARRACCA; BIDASECA, 2001) (GRIMSON, 2009). Ante o fechamento crescente das fábricas, do aumento do desemprego e da perda de legitimidade de sindicatos e partidos tradicionais, a ‘classe trabalhadora’ estaria extinta tanto em termos analíticos quanto em termos ontológicos e políticos<sup>i</sup>. Junto com o termo de ‘excluídos’ aparecem outros como o de ‘setores populares’ (AUYERO, 2002) ou, no máximo, o de ‘classes populares’ (MERKLEN, 2005), mas explicitando que isto não pode mais ser confundido com uma ‘classe trabalhadora’. Em termos da articulação da ação coletiva com os processos de territorialização na AMBA, predomina, do mesmo modo, a ênfase em processos de ‘segregação territorial’. Referência muito citada, o sociólogo Denis Merklen, afirma que “...as classes populares de uma Argentina extinta...” – em referência à decomposta sociedade salarial – passam a estar excluídas dos vínculos sociais construídos em torno do trabalho assalariado e ‘recuam’ ao bairro mais restrito para “...reconstruir laços sociais...” de caráter mais primário (MERKLEN, 2005, p. 45). Existe também uma compreensão do termo ‘territorial’ como aquilo limitado a uma escala relativamente menor. Para o autor, relações de outro tipo ou grau de sociabilidade são construídas no bairro quando as organizações de bairro interagem com o Estado, dentro de um novo paradigma de intervenção no social com as políticas ‘focais’. O adjetivo territorial é assim utilizado para caracterizar as mudanças nessa ação: “...a re-orientação das políticas públicas (...) a descentralização e o enfoque das políticas sociais contribuíram a **territorializar** o acesso à ajuda social...” (MERKLEN, 2005, p. 143, grifos meus). Esta visão é dominante tanto nos estudos sobre ação coletiva na Argentina (SVAMPA; PEREYRA, 2003) (GIARRACCA; BIDASECA, 2001) como também nas diversas políticas que no âmbito nacional e internacional utilizam o adjetivo de

‘territorial’<sup>ii</sup>. Nessas análises o território aparece como algo dado e estático, além de ser utilizado como sinônimo de espaço físico relativamente pequeno. Sem pretender desconsiderar os importantes resultados de pesquisa e questões levantadas na relação entre ação estatal, organizações de bairro e mudanças estruturais oferecidas por estes autores, interessa agora avançar na discussão sobre a ação coletiva e território a partir de dominados, com uma perspectiva diferente daquela da exclusão e da segregação. Procura-se, também, combater o senso comum dos ‘bairros excluídos’ e sem classe que essa leitura facilita. Focando na articulação entre processos de territorialização e luta de classes, trata-se de observar as configurações e trajetórias dos casos de estudo na década de 2000.

### **3. Os casos em estudo: MTD La Juanita e APROFA<sup>iii</sup>.**

#### ***3.1 Surgimento, membros e entorno territorial do Movimiento de Trabajadores Desocupados (MTD) La Juanita.***

Começando pelo *Movimiento de Trabajadores Desocupados*<sup>iv</sup> *La Juanita* (MTD), em uma primeira análise sobressai sua relação com as ações que se agregam, em forma simplificada, sob o termo “movimiento piquetero”. Mais especificamente, e seguindo os conceitos de Svampa e Pereyra (2003), estaria dentro da vertente piquetera “barrial” ou “de bairro” que tem como base uma tradição e um trabalho territorial mais intenso, sendo isso mais comum nas organizações localizadas na AMBA (SVAMPA; PEREYRA, 2003, p 11-52). Seus objetivos publicamente divulgados são a obtenção de “trabalho genuíno” para seus membros, questionam o Estado pela “crise do desemprego”<sup>v</sup> e nas suas origens participaram do bloqueio de estradas, os “piquetes”, para tornar visíveis suas demandas, iniciativas comuns às organizações piqueteras, segundo esses dois autores.

A partir das tradições políticas de seus membros e das relações com outras organizações – com destaque para *Las Madres de Plaza de Mayo* e o *Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos* (IMFC)<sup>vi</sup> – foram se diferenciando de outras agrupações piqueteras ao sublinhar sua recusa em se tornarem beneficiários dos planos de transferência de renda do Estado e apoiar, sim, a geração de trabalho mediante cooperativas e uma maior articulação com o entorno social mais imediato. Em agosto de 2005 eram quinze os membros ativos da organização. Entre os que exercem uma maior liderança, encontra-se um antigo operário metalúrgico com militância em agrupações de esquerda nas décadas de 1970 e 1980 e experiência no trabalho “de base” em bairros de La Matanza, incluindo a ocupação de terras<sup>vii</sup>. Além da importância de “...antigos companheiros de política de bairro...”, destaca-se a função de uma participante docente, com experiência de trabalho em educação popular nessas mesmas décadas e que se integrara ao MTD no final da década de 1990. Trata-se de

pessoas que superam os 40 anos de idade e que se articulam com outros membros que têm em média 25 anos e que, na sua maioria, se aproximaram do MTD quando este já estava formado, atraídos, especialmente, pela proposta de educação popular promovido pelas Madres de Plaza de Mayo. A colaboração com profissionais de psicologia social, com um forte discurso de “emancipação” e também relacionados à proposta de educação popular, também é reconhecida pelas lideranças do MTD como fundamental.

O espaço onde a organização se localiza, La Juanita, tem indicadores típicos do segundo “cordón” dos subúrbios da Cidade de Buenos Aires, portanto inferiores aos dessa e aos do primeiro “cordón” de seus subúrbios. Mesmo que sua formação esteja dentro dos padrões formais de ocupação, o bairro é vizinho a áreas urbanas que surgiram com a ocupação de terras para moradia, principalmente na década de 1980. Segundo reconhecem membros e vizinhos do MTD, trata-se de um área rica na ação de “punteros” ou “cabos eleitorais” do partido peronista, que lidera, desde antes da última ditadura, a política do município<sup>viii</sup>.

### **3.2 Surgimento, membros e entorno territorial da Asociación de Productores Familiares (APROFA).**

Localizada no bairro La Quebrada, de Paso del Rey, Município de Moreno, a associação APROFA se formou em 1998. Sua origem está relacionada a um grupo de jovens que trabalhavam em uma horta comunitária dirigido por um padre católico. Este grupo chegou ao bairro para colaborar com “a casinha do Padre Elvio” em 1997, quando a horta tinha mais de 10 anos de trabalho na recuperação de jovens com problemas de dependência química e alcoolismo. Inconformados com a negativa do padre em ampliar as atividades da horta para atividades com vizinhos do bairro, os membros desse grupo decidiram formar sua própria organização e começaram a trabalhar com uma primeira horta para dez famílias do bairro e com ferramentas obtidas através do *Plano Hortas Familiares* do estatal *Instituto Nacional de Tecnología Agraria* (INTA). Logo após, se constituíram formalmente para, segundo afirmam, poder solicitar mais recursos diante órgãos públicos – principalmente da prefeitura de Moreno.

APROFA é uma organização cujo núcleo está formado na sua maioria por jovens entre 20 e 30 anos, muitos com segundo grau completo e alguns na universidade. Uma parte está presente desde o início, e já se conheciam por relações de vizinhança e também familiares. Outra, menor, integrou-se a partir de atividades de extensão em universidades, como a de Luján e Moreno, em áreas de assistência social e agricultura comunitária. Também participamativamente da organização três pessoas com mais de 40 anos de idade, vizinhos do bairro, sendo dois desempregados e um relacionado com uma escola comunitária de um bairro

vizinho, com princípios de cooperativismo, chamada *Creciendo Juntos*. Finalmente, chefes de duas famílias do bairro somaram-se para participar ativamente, sendo primeiramente simples destinatários das ações de APROFA – freqüentavam seu refeitório – com poucos anos de escolaridade formal (primeiro grau incompleto) e morando dentro da área mais pobre do bairro. É este o perfil dos indivíduos que, de fato, APROFA tentaria não somente beneficiar, mas também integrar ativamente na sua organização.

#### **4. A nova fábrica é o bairro?: o Trabalho Político e Territorial de APROFA e do MTD.**

[...]descobrimos que o novo lugar onde os trabalhadores nos nucleamos, onde estamos todos os dias, é o bairro. Isto foi sintetizado na frase ‘a nova fábrica e o bairro’[...]

(Entrevista com Victor De Gennaro, CECEÑA, 2001; grifos meus, tradução minha)<sup>ix</sup>

##### **4.1 A proposta de ação cotidiana no bairro em ação: educação popular e relações materiais construindo territórios.**

Observando os documentos e entrevistas nos quais as duas organizações explicitam seu Projeto Político e, principalmente, a sua estrutura e dinâmica de ação, destacam-se seus objetivos de transformar os valores e práticas cotidianas dos “vizinhos” das organizações. Tanto em APROFA quanto no MTD é central a atividade de ensino com crianças que moram no entorno territorial mais imediato, defendendo um projeto de “educação popular”. Isto é, a defesa de uma pedagogia “transformadora”, onde se enfatizam relações de “solidariedade” e “autonomia”, sendo referência a obra de autores como Paulo Freire e a ação pedagógica desenvolvida por movimentos sociais de maior visibilidade internacional, principalmente o Movimento dos Sem Terra (MST, do Brasil). No MTD, em comparação com APROFA, essa orientação é mais evidente e fundamental para sua ação. Foi a criação de uma creche e de uma escola de primeiro grau o que deu força ao desenvolvimento da organização. Reconhecido como a atividade mais importante da organização, o projeto pedagógico foi se estruturando com o trabalho das suas principais lideranças e na sua interação com a associação das Madres de Plaza de Mayo e com apoio de doações e de ONGs internacionais.

As relações materiais em torno do trabalho mostram também o entorno territorial mais imediato como um âmbito intencionalmente central tanto em APROFA quanto no MTD (quadros 1, 2, 3 e 4). As pessoas que realizam seu trabalho nos empreendimentos e os destinatários de sua produção localizavam-se, principalmente, no que os membros das organizações denominam “o bairro”. Em APROFA os empreendimentos tinham por objetivo dar trabalho a seus vizinhos e sua produção estava orientada para produtos considerados básicos – alimentos – para serem consumidos no entorno territorial. O pouco que não era para auto-consumo, ou re-distribuído mediante o refeitório, era comercializado com famílias do

bairro (quadro 1). No MTD, isto também era claro em empreendimentos como o da padaria, quando procura vender alimentos a preços baixos aos vizinhos, e quando dava seu apoio e espaço para a realização da feira diária (quadros 2 e 3).

Dessa forma, as relações materiais estabelecidas pelas organizações oferecem um primeiro indicador de em qual sentido a nova fábrica seria o bairro em termos de territorialidades da ação coletiva e em torno do trabalho. Partindo da *fábrica*, e segundo indica Sack, o tradicional estabelecimento industrial (fordista) construía dentro de seu espaço e em sua inserção produtiva uma territorialização hierarquizada com o objetivo de garantir o controle do processo de trabalho capitalista (SACK, 1986). Quando a fábrica fecha na periferia de Buenos Aires, os desempregados que aderem às cooperativas de APROFA e do MTD constroem de fato uma outra territorialidade relacionada com seu trabalho. O espaço mais restrito da produção a partir de relações de trabalho cooperativo não tem as formas de controle tradicionais do trabalho assalariado. Ficam, ademais, intencionalmente expostos e ‘abertos ao público’: aos vizinhos que vão comprar os produtos ou perguntar se há algum trabalho que eles possam fazer, aos membros de organizações não governamentais e fundações interessados em realizar doações ou em ver o andamento dos projetos que financiam. Mais importante, e além da territorialidade relacionada ao espaço restrito à produção em sentido mais imediato, o trabalho nos empreendimentos serve assim para construir novas relações com o entorno: opção de renda para alguns vizinhos, oferta de produtos mais acessíveis a ‘preços populares’ ou espaço de interação cotidiano no caso da feira comunitária, para muitos outros. São relações guiadas pelos valores e estratégias de construção de um Projeto Político, que têm ao trabalho como um de seus fundamentos.

Em termos relações materiais com o poder público, a proposta de ‘autonomia’ e a oposição aos ‘planos’ não impede que algumas tivessem sido desenvolvidas, sobretudo através das prefeituras municipais. Segundo enfatizam seus membros, entretanto, estavam pautadas pelo princípio de serem ações diferentes daquelas geridas pelos tradicionais *punteros*. Assim, APROFA articulou-se com outras organizações que possuíam refeitórios para exigir um plano de distribuição de alimentos da prefeitura de Moreno e também obteve subsídios de um programa do governo nacional para compra de insumos para hortas e de outro para compra de ferramentas para associações e cooperativa (quadro 1). O MTD negociou com a prefeitura de La Matanza o desenvolvimento de uma centro de saúde comunitária na sede do movimento (quadro 8); e, com empresas privadas e a câmara de vereadores, a realização de uma rede de gás a preços populares para o “bairro”.

Dessa modo, pode-se observar como o *bairro* da ação das organizações, longe de refletir a

regionalização oficial, é uma territorialização construída pelos sujeitos dessas ações e que serve para identificar quem está fora e quem está dentro dela (BOURDIEU, 2004, p. 107-132). Como processo de territorialização, mostra como relações de políticas são construídas no e a partir do espaço, envolvendo múltiplas dimensões como as materiais, educativas e culturais aqui mencionadas (HAESBAERT, 2004). Nos termos analíticas de Haesbaert, aparece então uma tentativa de territorialização ligada ao Projeto das organizações e a sua procura de mudar as relações de poder existentes e construir outras. A forma de se identificar das duas organizações com o território não se restringe somente ao destaque por elas dado a uma estratégia ‘barrial’, mas também em sua auto-referência a um território singular: La Juanita, no MTD, La Quebrada, em APROFA. Essa referência, é importante esclarecer, não se apresenta no sentido de pretender representar o bairro, mas, como destacam membros e lideranças, é uma forma escolhida de identificação e de se apresentar publicamente, se diferenciando de identidades de envolvem uma escala maior e da qual desconfiam. Mesmo que fundamentais, as ações no âmbito espacial mais restrito e cotidiano até aqui expostas não esgotam nem explicam plenamente a ação de construção do *bairro*. Como processo de territorialização envolve relações com outros sujeitos e outros territórios. Nesse sentido, os casos estudados trazem diferenças e constatações para refletir sobre a articulação entre diferentes escalas territoriais na formação e na ação das organizações, como a seguir se analisa.

#### **4.2 As escalas da ação política construídas na periferia por APROFA e o MTD: bairros de relações diferentes.**

Em termos de escalas da ação política (VAINER, 2002) os dois casos de estudo mostram diferenças respeito ao processo de sua formação e às relações sociais que vão construindo em oposição e afinidade com outros.

Na estratégia de APROFA, tem um peso maior a relação com organizações que se identificam como pertencentes a um território comum, o que lhes permite se referir a uma história compartilhada, além de reconhecer que têm afinidades políticas na construção de um projeto de *poder popular*. No discurso de seus membros e das organizações relacionadas aparece com freqüência a referência a “ser de Moreno”, município que os membros mais jovens reconhecem como um lugar comum e fundamental, pois freqüentam desde pequenos os mesmos lugares de educação e recriação. Os de mais idade e os pais dos mais jovens reconhecem também uma experiência comum de militância política no passado, o trabalho político de “base”, associado a organizações da Igreja e que aderia à teologia da libertação, e também a grupos da esquerda do peronismo (PJ). Essa identidade no discurso torna-se clara

nas articulações entre as organizações de Moreno. Os membros de APROFA entendem que é a partir de sua ação no bairro e seu reconhecimento que lhes é permitida a associação com organizações do município de Moreno que compartilham seu projeto de poder popular. Desse modo participam da “Mesa de Moreno” (quadro 7), na tentativa de “...agir no nível municipal e a partir dele se articular com outras organizações em nível nacional...”. Além da estratégia escolhida por APROFA, é fundamental a ação de outras organizações que têm entre seus objetivos fundamentais desenvolver “redes” entre as associações “comunitárias” do município, como o *Culebrón Timbal* (quadro 7), exemplo das experiências dos ‘coletivos culturais’, outro fenômeno de ação política significativo na época (SVAMPA, 2008). Do mesmo modo, e em forma coerente com o anterior, membros de diversas organizações políticas reconhecem que a prefeitura de Moreno tem uma certa tradição de apoio – ou pelo menos de reconhecimento e não repressão – de ações comunitárias seja para assistência alimentar ou educativa, independentemente da ação da rede mais tradicional dos *punteros* políticos. Nesse sentido, existem o que no município são também denominados ‘referentes sociais’: lideranças que vem atuando há mais de uma década em ações focadas nos diferentes localidades que compõem o município de Moreno e a partir de organizações como as descritas no quadro 7.

Já no caso do MTD, a estratégia de *trabalho de bairro* tem seu apóio fundamental em organizações que atuam em outros âmbitos e a sua visibilidade pública é espacial e ideologicamente mais ampla, dentro da estratégia que denominam como “...com os outros, ser nós...” (FLORES, 2004). Com uma parte dessas organizações, o vínculo central é a afinidade ideológica na construção de relações de trabalho cooperativas e de um projeto pedagógico de educação popular. Esses vínculos vão se formando com o desenvolvimento do MTD, sendo vitais não somente para construção de seus principais valores e práticas, mas também para a obtenção do espaço de trabalho e o desenvolvimento dos empreendimentos. Afinidades semelhantes são desenvolvidas em nível internacional a partir da opção de se relacionar com movimentos que tinham como referência, principalmente o MST do Brasil, e por participar ativamente de encontros como o Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Com o explícito objetivo de “..fazer outro mundo possível a partir da ação no bairro...”, trocam experiências e visitam assentamentos do MST e seus centros de formação já em 2002 e de forma intensa desde então. Juntamente a essas relações estão as numerosas visitas de pesquisadores de vários países e dos auto-denominados “militantes anti-globalização”, que interagem com a agrupação com uma freqüência crescente e na medida em que ela se torna mais visível publicamente. Valores e conceitos que essas pessoas trazem são em parte incorporados na

ação do MTD e contribuem para o ganho em visibilidade nacional e internacional<sup>x</sup>.

Essas estratégias e opções escalares de APROFA e o MTD se expressam também nas relações materiais de seus empreendimentos com sujeitos atuantes em outros territórios (quadros 1 e 2) e na procura de financiamento para as organizações (quadros 6 e 9). Nessas relações mais amplas, tanto em APROFA quanto no MTD, os sujeitos dominantes são as denominadas ONG internacionais: fundações ligadas a embaixadas e outras instituições que declaram ter como objetivo não o lucro, mas o ‘combate à pobreza’, todas com matriz européia. Nessa escala, parece se formar certa dependência material com essas organizações e uma paradoxal forma de trabalho territorial: relações em uma escala internacional são construídas pela visibilidade e legitimidade que existiria em certos âmbitos para a proposta de “ação local” ou “de bairro”. Em termos do linguajar do financiamento internacional, essas ações teriam foco e resultados quantificáveis, e assim seriam atrativos para essas ONGs. Estas, vale lembrar, apresentam uma importante afinidade com conceitos e termos caros à proposta política de agências de crédito multilaterais, como o Banco Mundial. Ações “a partir dos mais pobres”, favorecendo uma “transparência” no uso dos recursos e o “empowerment” da população pobre são objetivos freqüentes nelas<sup>xi</sup>. Um vínculo pareceria se esboçar, portanto, entre a lógica dos *projects* dessas organizações internacionais, e o Projeto Político de bairro dos casos de estudo. APROFA e o MTD se localizam em municípios que surgiram, e continuam sendo, periféricos. A política em La Matanza e Moreno foi e é influenciada por práticas e valores peronistas. Teve também significativa influência de ações políticas de ‘base’ na década de 1970 e antes da ditadura. APROFA e o MTD, entretanto, constroem territorialidades diferentes dentro de uma proposta semelhante do que denominam ‘projeto de poder popular’. Numa primeira classificação ambas são organizações ‘autônomas’ e de ‘bairro’, com iniciativas análogas em termos de empreendimentos produtivos, iniciativas de educação popular e relação com o poder público. A análise em termos relacionais sobre qual a territorialidade da sua ação mostra suas diferenças. Sublinham, também, alguns resultados em termos das questões colocadas na nossa introdução: as mudanças e permanências em termos de luta de classes e territorialização e as formas de se compreender as desigualdades contemporâneas na cidade.

## **5. Nem excluídos, nem isolados: trabalho político e territorial na Periferia.**

Uma primeira conclusão sobre o até aqui exposto indica que, por trás da mais visível e explícita luta pela obtenção de trabalho, ambas as organizações vão construindo um *trabalho político*, intensa e intencionalmente articulado com o território. Sem sindicato, sem a fábrica, e diante de outras formas de intervenção do Estado, os dois movimentos tentam construir uma

identidade e uma prática centrada no trabalho e que enfatiza as relações de proximidade e cotidianas no *bairro*, dentro de um projeto político e com relações que envolvem várias escalas.

Nos resultados apresentados, constatou-se, em primeiro lugar, que o ‘bairro’ não é uma território fixo, pré-determinado, nem auto-suficiente como uma leitura mais superficial de ‘organizações de bairro’ pode sugerir. As diferenças entre os ‘bairros’ propostos e construídos na ação territorial de APROFA e o MTD, contemporâneas e aparentemente atuantes numa mesma região – a periferia da AMBA – mostra claramente que se trata sempre de processos sociais, históricos e relacionais. Como observado, no MTD a ação no território é construída a partir da articulação com organizações de outros âmbitos, que atuam em escalas maiores. Em APROFA, as afinidades e histórias associadas a um território comum, o município de Moreno, são as que fundamentam a ação no *bairro* e a projeção do município e a partir dele para possíveis escalas mais amplas.

Em segundo lugar, atividades priorizando a vizinhança e com relações produtivas e culturais diferentes às dominantes não são sinônimo de isolamento e ‘recoxo’ para uma sociabilidade primária como defende Merklen para definir as organizações de bairro de Buenos Aires (MERKLEN, 2005). Ao contrário, e em coincidência com outros estudos como os de Manzano (MANZANO, 2009), a ação política tanto de APROFA e do MTD demonstra a importância de relações em outras escalas na tentativa de construir esses territórios. Foi constatado que não se trata somente de vínculos em termos simbólicos e de pertença a identidades e tradições políticas que superem a escala da vizinhança, mas de relações materiais e políticas concretas com outros sujeitos atuantes em outros territórios.

Em terceiro lugar, diferente das leituras mais gerais que preferem priorizar uma tendência dos dominados a se localizar em ‘aglomerados de exclusão’ sem maior capacidade de transformação (HAESBAERT, 2004, p. 311-336), observou-se aqui como as ações de APROFA e do MTD conseguem desenvolver um processo de territorialização dentro de um projeto de ação política. Não se trata de ações de segregados e excluídos, mas de dominados que tentam uma ação, também territorial, que mude as relações de dominação imperantes. Relações essas que se refletem na sua condição de desempregados, de trabalhadores transitórios e mal remunerados e de moradores de territórios periféricos, lugar de políticas focais e transitórias. As duas organizações, pode-se interpretar, procuram construir um território que se contraponha às tendências territoriais dominantes (e a partir dos dominadores) presentes na periferia de Buenos Aires onde vias expressas e bairros fechados

para setores de alta renda se articulam com *villas* e *assentamentos* sem recursos estatais. Em outros termos, os ‘bairros’ da ação de APROFA e do MTD buscam desenvolver relações e condições diferentes face os cada vez mais numerosos espaços periféricos que, longe de estarem excluídos, mostram uma integração à dinâmica econômica dominante que piora as condições de vida e de trabalho de seus moradores.

Mostrar constatações contrárias às categorias da exclusão e da segregação não significa ignorar as mudanças na ação coletiva a partir de dominados e sua articulação com processos de territorialização. Seguindo a análise de David Harvey, a ação de nossos prismas parece quebrar a dicotomia clássica “...imposta pelo capital...para fragmentar...” a luta da classe trabalhadora entre o lugar “...do viver e do trabalhar...” (HARVEY, 1982, p. 35). Reformulando, mas ativando, uma tradição de lutas na periferia, APROFA e o MTD parecem dar a razão ao dirigente sindical Vitor De Gennaro acima citado quando ele coloca que o fechamento da fábrica estimula a ter no bairro – construído pela ação – um lugar de ação e de re-criação da identidade de trabalhadores, agregando de ex-operários a jovens sem experiência laboral, integrados na causa comum de ‘trabalho para todos’.

## **6. Mais conclusões para o debate: opacidades e disputas na leitura dos conflitos e das classes.**

Na tradição de luta de classes na Argentina, da qual as organizações se reconhecem como parte, era clara a distinção de uma classe trabalhadora contra o capital em um projeto nacional (WERNER, AGUIRRE, 2007). Esse conflito era mais evidente não somente em termos das ações dos trabalhadores, mas também dos discursos e práticas das entidades de classe empresarial e dos grandes proprietários rurais. Do mesmo modo, essas disputas aconteciam dentro do Estado, e se expressavam com políticas orientadas para favorecer ou segurar os avanços da classe trabalhadora. Na década de 2000, entretanto, esse confronto é muito mais opaco. Não somente pelo declínio do trabalho assalariado em termos sociais e políticos, mas também pela configuração, a ele associado, de um *novo espírito do capitalismo* (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2004). Recursos, valores e práticas concretas seja do Estado, das empresas ou de um ‘Terceiro Setor’ não se apresentam mais a favor ou contra os trabalhadores, mas sob a forma dos *projects* que não gostam de rigidezes nem categorias que explicitem conflitos ou ideologias. Preferem ‘parcerias’, resultados concretos ou, em termos do Banco Mundial, ações *win-win* onde todo mundo ganha. Ainda mais, quando tratam dos setores dominados, preferem se referir a ‘excluídos’ que devem ser trazidos de volta para a sociedade, gerando resultados dignos de serem publicados em relatórios de empresas socialmente responsáveis ou de ministérios encarregados do ‘social’.

A análise das ações do MTD e de APROFA sugere que por trás desses *projects* se articulam visões de setores dominantes que acabariam por esconder as relações de dominação. O caráter opaco dessas relações fica difícil de combater analiticamente quando as práticas concretas envolvem a colaboração dos membros das organizações com “...*o companheiro que ocupa um cargo de gestão na área social e briga pelos programas...*” ou “...*o empresário que nos conheceu e decidiu de todo modo ajudar a uma cooperativa com nossos princípios...*”<sup>xiii</sup>. Passa a ser mais claro, entretanto, quando as organizações reclamam das visões que sobre eles são divulgadas por empresas tradicionais de comunicação que os colocam “...como bons empreendedores...”, produto de ações heróicas ou, no caso de APROFA, preferem ignorá-los ou agregá-los à massa uniforme e nunca precisa de ‘ações da política clientelística do conurbano’.<sup>xiv</sup>

No campo acadêmico não se supera essa problemática quando se prefere entender as ações coletivas na periferia de Buenos Aires dentro do paradigma da exclusão e que em alguns casos confunde a mudança nas identidades nas classes em luta com o fim das classes. Também não parece ser uma resposta satisfatória quando se reconhecem essas lutas, mas se simplificam as suas mudanças no manto da fragmentação. Esse entendimento, aliás, parece estar próximo às intenções dos *projects* e o *novo espírito do capitalismo* que os dominantes pretendem estabelecer. É distante, entretanto, da proposta dos setores dominados em luta quando afirmam que, talvez paradoxalmente, o declínio do salário como vínculo dominante os faz perceber “...*que o que nós une mais do que nunca é a luta por trabalho para todos...e não mais fazer lutas específicas por melhorias em categorias de operário como fazíamos antigamente...*”<sup>xv</sup>.

Neste artigo procurou mostrar alguns resultados e provocações para continuar indagando sobre as novas formas de dominação e suas resistências que se expressam na periferia de cidades como Buenos Aires. Uma valorização tanto da ação coletiva de dominados, como os modos mais opacos de dominação aparecem como uma linha de pesquisa para aprofundar e continuar discutindo.

**Quadro 1. Empreendimentos econômicos de APROFA (ano 2005).**

Empreendimento (freqüência da produção)	Trabalhadores	Organização do Trabalho	Fornecedores e destinatários	Retribuição ao trabalho
--	---------------	----------------------------	---------------------------------	----------------------------

Refeitório (De segunda-feira a Sábado)	Duas famílias responsáveis da cozinha, e dois membros de APROFA responsáveis da gestão.	Distribuição das tarefas entre famílias voluntárias. Contabilidade e planejamento de APROFA	Alimentos fornecidos: pela prefeitura (menos de 25%), o resto comprado com recursos da ONG Ação contra a Fome (ACH) ou produzidos pelos empreendimentos de APROFA.	Trabalho voluntário para o refeitório.
Fábrica de Massas (4 dias por semana).	Doze madres de família beneficiárias do refeitório.	Cada membro faz uma atividade similar. A contabilidade e a programação semanal dependem destas madres. O Planejamento e seu controle é feito por APROFA.	O capital inicial e os insumos vêm de recursos de ACH. Mais de um 50% da produção é para o refeitório, um 25% é para auto-consumo e o restante é vendido nas proximidades.	A produção que excede as necessidades do refeitório é distribuída segundo as horas trabalhadas, para ser depois auto-consumidas ou vendida em forma conjunta.
Oficina de serigrafia (atividade irregular, dependendo de encomendas de instituições afins).	Três membros ativos de APROFA.	Todos com tarefas semelhantes. Contabilidade e gestão próprias.	Capital inicial de ACH, e recursos por pagamento adiantado dos clientes.	Retribuição igualitária.
Criação de Frangos e produção de ovos. (Produção contínua)	Quinze famílias recebem as ferramentas e assessoria para a produção de APROFA.	Cada família é responsável por uma produção mínima determinada pela direção de APROFA, também responsável pelo planejamento e controle.	Capital inicial e recursos correntes de ACH. Assessoria técnica de estudantes da Universidade Nacional de Luján.	Um 50% da produção vai para o refeitório, o resto é para consumo próprio das famílias. Deste, uma parte pode vir a ser comercializada com ajuda de APROFA.
Horta (Produção contínua).	Dez famílias, idem anterior.	.Produção assessorada e monitorada por APROFA, e de responsabilidade de das famílias.	Insumos e ferramentas do Plano Hortas Comunitárias do Governo Nacional.	Toda a produção é para consumo das famílias.

**Fonte:** elaboração própria, com base em entrevistas e observações em Fevereiro, Maio e Agosto de 2005.

**Quadro 2. Empreendimentos econômicos do MTD La Juanita (ano 2005).**

Empreendimento (freqüência da produção)	Traalhadores	Organização do Trabalho	Fornecedores e destinatários	Retribuição ao trabalho
Oficina de Costura (5 dias por semana)	Oito	Cada trabalhador faz uma atividade semelhante. Um membro do MTD faz a gestão e programação da produção. Diretrizes mais gerais são discutidas com os membros ativos do MTD.	Trabalho predominante a <i>façón</i> : entrega de materiais primas e pagamento por produto produzido para terceiros. Principais clientes-fornecedores: Boutique Martín Churba (ver Ludueña, 2005) e uma fábrica de cortinas. Capital Inicial: recursos de fundações ligadas a representações diplomáticas (embajada do Japão)	Igualitária, segundo as horas trabalhadas.
Padaria (5 dias por semana)	Quatro	Idem anterior, sendo os membros do MTD responsáveis pela gestão administrativa.	Insumos comprados de pequenos maioristas. Venta no varejo na sede do MTD e para moradores das proximidades. Parte da produção é para a merenda dos alunos da escola. Capital Inicial: recursos de	Idem anterior.

			fundações ligadas a representações diplomáticas (embaixada do Canadá)	
Oficina de serigrafia(segundo encomendas de instituições interessadas, sem produção no momento da pesquisa)	Dois	Idem anterior, um membro do MTD responsável pela gestão administrativa.	Trabalho <i>a façon</i> .	Idem anterior
Editora (para boletins ou publicações específicas)	Entre três e quatro membros do MTD	Fora o trabalho de redação – feito pelo núcleo do MTD – a distribuição das tarefas é relativamente igualitária, incluindo a gestão administrativa. Sendo parte da política de divulgação do MTD, seu planejamento é feito pelo núcleo da organização.	Recursos monetários e divulgação de instituições que apóiam em forma geral o MTD. Venda no varejo em eventos e na sede da agrupação. Acordo mais recente com Editora comercial para re-edição de livros da organização – antes de publicação própria.	Idem anterior.
Recepção de estagiários e pesquisadores	Dois membros do MTD.	Tarefas equivalentes. Planejamento e controle do MTD.	Recurso inicial de doações. Custos correntes financiados com a renda do empreendimento.	Idem anterior.

**Fonte:** elaboração própria, com base em entrevistas e observações em Fevereiro, Maio e Agosto de 2005.

#### Quadro 3 Empreendimento associado ao MTD La Juanita (ano 2005).

<b>Feira comunitária:</b> aproximadamente 40 vizinhos se reúnem diariamente para a troca e compra-venda de produtos.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Origem dos produtos: bens usados; produzidos artesanalmente; o que sobre de cestas de alimentos distribuídas pelo poder público; comprados em mercados maioristas (de frutas e verduras).</li> <li>• Organização do intercâmbio: preços em moeda corrente, inferiores aos dos estabelecimentos comerciais vizinhos. Cada vendedor tem de pagar uma quantia fixa à gestora da feira de 1 peso. Os elementos de trabalho para a venda são fornecidos pelos próprios feirantes.</li> <li>• Gestão: de responsabilidade de uma pessoa com experiência em férias anteriores e que não fazia parte ativa do MTD.</li> <li>• MTD: somente fornece o espaço físico para a feira acontecer na sua sede.</li> </ul>

**Fonte:** elaboração própria, com base em entrevistas e observações em Fevereiro, Maio e Agosto de 2005.

#### Quadro 4 Estrutura organizativa da produção em APROFA e o MTD La Juanita (ano 2005)

- a) Assembléia central:** formada pelos membros ativos de cada organização, responsável por definir a estratégia e diretrizes dos empreendimentos. Formal e juridicamente é ela a organização.
- b) Empreendimentos econômicos e culturais:** não todos seus trabalhadores são membros ativos da assembléia, mas têm de indicar um delegado para representá-los nela. As decisões cotidianas de produção são tomadas pelo conjunto de seus trabalhadores.

**Fonte:** elaboração própria, com base em entrevistas e observações em Fevereiro, Maio e Agosto de 2005.

#### Quadro 5. APROFA. Relações com organizações próximas territorialmente. Ano 2005

Organização	Relação com APROFA	Espaço de atuação
Juntos Podemos	Princípios e práticas semelhantes com as de APROFA, atua em bairro vizinho e realiza encontros conjuntos com APROFA.	Tem um refeitório que atende 20 pessoas, com muitos poucos recursos e no qual APROFA tenta ajudar.
El Charquito	Princípios e práticas semelhantes com as de APROFA, atua em bairro vizinho e parte de seus membros são familiares de membros de APROFA.	Atuam no município de Moreno, em um bairro contíguo ao de APROFA.
Tren Tren	Intercâmbio frequente e pessoal entre seus membros, organização conjunta de eventos.	Idem anterior.

Creciendo Juntos	Alguns dos membros de APROFA trabalham como docentes na escola o têm familiares que estudam nela. Parte dos docentes trabalham no projeto de criação de um centro cultural de APROFA.	Está localizada em um outro bairro de Moreno, mas parte de seus estudantes e docentes são do bairro de APROFA, La Quebrada.
Gestando	Trabalham no fornecimento de alimentos para mulheres com filhos pequenos, muitos de seis membros participam dos empreendimentos de APROFA.	Atua em Moreno, em um bairro próximo ao de APROFA.
El Colmenar	A linha de ônibus é freqüentemente utilizada pelos vizinhos do bairro La Quebrada. Os militantes de APROFA a aproveitam para “caminhar o município” e se contatar com outras organizações, sem ter que pagar a passagem.	Associação de transporte iniciada na década de 1980, fundamental para a conexão entre diversos bairros de Moreno e de importante apoio para organizações sociais do município. Sede central em bairro de Moreno, mas distante de APROFA, o chamado Quartel V. (Forno, 2003).
El Culebrón Timbal.	Relação mais pontual e menos freqüente. Esta organização trabalhou na promoção de um encontro de <i>murgas</i> e uma feira de “economia solidária” em La Quebrada, e de uma “caravana cultural” pelos bairros de Moreno. (Dezembro de 2004). Em ambos os eventos, participou APROFA.	Organização que promove eventos culturais e feiras em diferentes bairros de Moreno e em municípios próximos e com o objetivo central de “integrar as diversas organizações de bairro”. Sede central em Quartel V.
Partido Justicialista	APROFA tem uma relação de conflito com uma parte significativa de suas linhas internas, especialmente com os “ <i>punteros electorales</i> ”.	Partido Nacional tradicional. Dominante no município e de ação difundida em todo seu território a partir de suas sub-sedes, as <i>unidades básicas</i> e seus <i>punteros electorales</i> .
Igreja Católica – Rede de refeitórios Caritas.	Relação significativa, através da capacitação que membros de APROFA dão para responsáveis de refeitórios da rede no município de Moreno – ação de capacitação que é financiada por ACH.	Significativa rede de refeitórios em todo o município de Moreno e na AMBA.

Fonte: elaboração própria, com base em entrevistas e observações em Fevereiro, Maio e Agosto de 2005.

#### Quadro 6. APROFA. Relação com organizações sem sede no município de Moreno. Ano 2005

Organização	Relação com APROFA	Espaço de atuação
Acción Contra el Hambre. (ACH)	Apóia economicamente aos empreendimentos de APROFA e tenta que se articule com outras organizações sociais patrocinadas por ACH.	ONG espanhola que apóia a capacitação e formação de empreendimentos a partir de setores de baixa renda e como forma de garantir recursos considerados como básicos (alimentos). Atuação internacional.

Fonte: elaboração própria, com base em entrevistas e observações em Fevereiro, Maio e Agosto de 2005.

#### Quadro 7 APROFA. Participação em articulações entre organizações sociais e políticas. (2005)

Núcleo	Membros	Espaço de atuação e principais objetivos
Mesa de Moreno	MTD Evita; Mutual El Colmenar, APROFA; Agrupación Octubre; Mesa de Álvarez (articulação de organizações do bairro Álvares, de Moreno).	Nível municipal. Presença em grande parte dos bairros de Moreno. Procura articular ações públicas no município, principalmente protestos diante o poder público. Em 2005 começou a se articular para concorrer por cargos eleitorais, participando das eleições legislativas.
Mesa Nacional	FTV e CCC (organizações de piqueteiros de ação nacional), Mesa de Moreno e organização Aníbal Verón (articulação de organizações de desempregados a nível nacional).	Nível nacional. Com maior presença no AMBA e no Noroeste de Argentina. Procura articular reivindicações diante o governo nacional e coordenar ações conjunta no país.
Encontro de Jovens Latino-americanos.	Diversas agrupações de jovens que aderem à “autonomia” respeito a formas partidárias tradicionais, e são a favor do trabalho em comunidades e cooperativista. Especial importância de agrupações de estudantes de agronomia.	Nível latino-americano. Com maior presença no cone sul do continente (Argentina, Brasil, Bolívia y Chile). Tenta promover a cooperação entre seus membros, através do intercâmbio de militantes e encontros anuais.

Fonte: elaboração própria, com base em entrevistas em Fevereiro, Maio e Agosto de 2005.

#### Quadro 8. MTD La Juanita. Relações com principais organizações próximas territorialmente. Ano 2005

Organização	Relação com o MTD	Espaço de atuação
CCC	Escassa e de “respeito mútuo”	Nível nacional, com sede central e maior atividade em La Matanza, a 500 metros do MTD.
Poder público Municipal.	Programa saúde comunitária na sede do MTD.	La Matanza.
Foro de Cooperativas de La Matanza	Reuniões periódicas de “intercâmbio de experiências” e participação conjunta em eventos. Ligado ao Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos(IMFC).	Município de La Matanza, especialmente na localidade de San Justo (centro comercial e administrativo do município).

**Fonte:** elaboração própria, com base em entrevistas e observações em Maio e Agosto de 2005.

#### **Quadro 9. MTD La Juanita. Principais relações com organizações sem sede no município de La Matanza. Ano 2005**

Organização	Relação com o MTD	Espaço de atuação
Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos(IMFC)	Apoio financeiro, cursos de capacitação e promoção de atividades de divulgação e articulação do MTD com outras cooperativas.	Argentina, principalmente a AMBA.
Asociación Madres de Plaza de Mayo	Na formação do MTD, trabalhou na realização no projeto pedagógico de “educação popular”. Apoio em atividades de divulgação do MTD e cursos.	Idem anterior.
Poder Ciudadano	Tenta articular os empreendimentos do MTD com ONGS, embaixadas e empresas interessadas em dar apoio financeiro ou compradores de seus produtos.	Idem anterior.
Fundações ligadas às embaixadas de Nova Zelândia e Canadá.	Apoio financeiro	Representações diplomáticas na Argentina.
MST	Estágios de formação e intercâmbio, articulação de eventos internacionais.	Brasil.

**Fonte:** elaboração própria, com base em entrevistas e observações em Maio e Agosto de 2005.

#### **Bibliografia**

- ALTIMIR, O.; BECCARIA, L. (1998); *Efectos de los cambios macroeconómicos y de las reformas sobre la pobreza urbana en la Argentina*, Colección Investigación. Serie Informes de Investigación nº 4. Buenos Aires, Instituto de Ciencias-UNGS, novembro de 1998.
- AGUIRRE, Facundo; WERNER, Ruth. (2007); *Insurgencia obrera en la Argentina 1969-1976*: Clasismo, coordinadoras interfábriles y estrategias de la izquierda, Buenos Aires, Ediciones IPS.
- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (2000); *A cidade do pensamento único*: desmascarando consensos, Petrópolis, Vozes.
- AUYERO, J. (2001); *La política de los pobres*: las prácticas clientelistas del peronismo, Buenos Aires, Manantial,
- BANCO MUNDIAL *World Development Report 2002 e 2003* <  
[http://www.bancomundial.org/infoannual/pdf/inf\\_03/AR03%20Spanish%20Cover.pdf](http://www.bancomundial.org/infoannual/pdf/inf_03/AR03%20Spanish%20Cover.pdf)>
- BATTISTINI, O. (Coord.) (2002); *La atmósfera incandescente*: escritos políticos sobre la Argentina movilizada, Buenos Aires, Asociación Trabajo y Sociedad.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. (2002); *El nuevo espíritu del capitalismo*, Madrid, Akal.
- CECEÑA, Ana E. (2001); “El nuevo pensamiento y la transformación de la lucha en Argentina. Entrevista con Víctor de Gennaro”, *Revista Chiapas* no. 11. México: ERA-IIEc, 2001. Disponível em <http://www.revistachiapas.org/No11/ch11cecen.html>.
- CRAVINO, María Cristina (2008); *Vivir en la villa*: relatos, trayectorias y estrategias habitacionales. Colección Libros de la Universidad N° 31, Buenos Aires, Instituto del Conurbano – UNGS.
- CUENYA, B.; FIDEL, C.; HERZER, H. (2004); *Fragmentos sociales*: Problemas urbanos de la Argentina, Buenos Aires, Siglo XXI editores Argentina.
- FLORES, T. (2002); “De la culpa a la autogestión: aclaraciones preliminares”, en (Flores, T.) *De la culpa a la autogestión*: un recorrido del Movimiento de Trabajadores Desocupados de La Matanza - 1 ed. 2002 pela MTD Editora, Buenos Aires, Continente, 2005, p. 13-45

- FLORES, T. (2004); "Cuando con otros somos nosotros", en (Flores, T.) *Cuando con otros somos nosotros*: la experiencia asociativa del Movimiento de Trabajadores Desocupados MTD La Matanza, Buenos Aires, M.T.D. Editora, 2006, p. 17-53.
- GIARRACCA, N.; BIDASECA, K. (org.) (2001); *La protesta social en Argentina*: transformaciones económicas y crisis social en el interior del país, Buenos Aires, Alianza Editorial.
- GRIMSON, A. (2009); "Classificações espaciais e territorialização da política em Buenos Aires" (2009) en (Grimson, Ferraudi Curto, Segura), *La vida política en los barrios populares de Buenos Aires*, Buenos Aires, Prometeo Libros.
- HAESBAERT, Rogério. (2004); *O mito da desterritorialização*: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- HARVEY, David (1982) "O trabalho, o capital e o conflito de classe em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas". (Trad. Flávio Villaça), Espaço e Debates nro. 6. Ano II. HERU/CORTEZ, SP, 1982.
- LINDENBOIM, J.; GRAÑA, J. M; KENNEDY, D. (2005); *Distribución funcional del ingreso en Argentia*: ayer y hoy. Documentos de Trabajo nro. 4, Buenos Aires, CEPED-UBA, Junio de 2005.
- MANZANO, V. (2009); "Un barrio, diferentes grupos: acerca de dinâmicas políticas locales en el distrito de La Matanza" en (Grimson, Ferraudi Curto, Segura), *La vida política en los barrios populares de Buenos Aires*, Buenos Aires, Prometeo Libros.
- MERKLEN, Denis (2005); *Pobres ciudadanos*: las clases populares em la rea democrática (Argentina, 1983-2003), Buenos Aires, Gorla.
- \_\_\_\_\_. (1991); *Asentamientos en La Matanza*: la terquedad de lo nuestro, Buenos Aires, Catálogos.
- ROFMAN, Alejandro; ROMERO, Luis Alberto. (1974); *Sistema socioeconómico y estructura regional en La Argentina*, Buenos Aires, Amorruru.
- ROMERO, J. L. e ROMERO, L. A. (2000); *Buenos Aires*: historia de cuatro siglos. Tomo 2: Desde la ciudad burguesa hasta la ciudad de masas, Buenos Aires, Altamira.
- SACK, R. (1986); *Human territoriality: its theory and history*, Cambridge:, Cambridge University Press.
- SILVESTRI, G.; GORELIK, A. (2000); "Ciudad y cultura urbana, 1976-1999: el fin de la expansión", en (Romero, Romero), *Buenos Aires*: historia de cuatro siglos. Tomo 2: Desde la ciudad burguesa hasta la ciudad de masas, Buenos Aires, Altamira, 2000.
- SVAMPA, Maristella (2008); *Cambio de época*: movimientos sociales y poder político, Buenos Aires, Siglo XXI Editores Argentina.
- \_\_\_\_\_; PEREYRA, Sebastián. (2003); *Entre la ruta y el barrio*: la experiencia de las organizaciones piqueteras, Buenos Aires, Biblos.
- THOMPSON, E. P. (2001); "Algumas observações sobre classe e 'falsa consciência'" en (Negro; Silva), *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos /E. P. Thompson*, Campinas, SP, Ed. da Unicamp.
- VAINER, C. (2002); "As escalas do poder e o poder das escalas: o que pode o poder local?", Cadernos IPPUR, Ano XV, no. 2, Ago-Dez 2001/Ano XVI, no. 1, Jan-Jul, 2002, Rio de Janeiro, UFRJ/IPPUR. p. 13-32
- VARELA, Paula. (2009); "Imágenes de un mundo obrero", en (Grimson, Ferraudi Curto, Segura), *La vida política en los barrios populares de Buenos Aires*, Buenos Aires, Prometeo Libros.
- TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert (Org.) (2006); *Nas tramas das cidades*: trajetórias urbanas e seus territórios, São Paul,: Associação Editorial Humanitas.
- VIEIRA, Flavia Braga (2008); *Dos proletários unidos à globalização da esperança :um estudo sobre articulações internacionais de trabalhadores*. Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, UFRJ.
- Boletins e Outros Documentos.**
- APROFA, boletines, año 2004
- ARTUSA, Marina 2005 "Vacaciones a toda marcha" en Viva: la revista de Clarín. (Buenos Aires) Domingo 17 de Julio de 2005 (p. 34-43).
- DI NATALE, Martín (2010a). El Gobierno incluirá a hijos de monotributistas de baja categoría; reclamo por los chicos sin cobertura. In La Nación, 16/03/2010, edição impressa, disponível também em: [http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1243915](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1243915).
- \_\_\_\_\_. (2010b). "De cara a 2011, el Gobierno quiere triplicar los planes sociales" . In La Nación Sábado 02/01/2010, edição impressa, disponível também em: [http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1217673](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1217673)

FERNÁNDEZ DÍAZ, J. (2010) “Un hombre solo contra la mafia y la miseria. Historias con nombre y apellido” In La Nación, 27/06/2009, edição impressa, disponível em: [http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota\\_id=1144058](http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1144058).

Jornal Folha de São Paulo (2005) “Vida de piqueteiro atrai estrangeiros” en Folha de São Paulo, (São Paulo), 24/07/2005.

LUDUEÑA, María Eugenia (2005) “Martín Churba: tramar un sueño” en *La Nación*, 09/01/2005, edición impresa <versión electrónica: <http://www.lanacion.com.ar/669129>>. MTD, La Juanita, boletines varios, años 2001 a 2005.

Periódico Regional La Posta, números 0 a 5, años 2004-2005 (Moreno).

TOSI, María Cecilia (2005) “Dejaron de cortar rutas y se dedican a exportar” La Nación (Buenos Aires), 12/06/2005. <<http://www.la>

<sup>i</sup> Ou, como prefere advertir Varela, no começo de 2000 muitos autores já tinham decretado sociológico e político da classe (Varela, 2009). Essa certidão de extinção não é exclusiva das ciências sócias argentinas. Flávia Braga Vieira (2008) demonstra como também nas análises para a escala mundial é dominante a compreensão de ‘novas redes’ de movimentos sociais que ignoram as articulações internacionais de classe pré-existentes e os próprios fundamentos de muitas das ações internacionais atuais a partir de dominados.

<sup>ii</sup> No caso de Brasil, veja-se, por exemplo, o programa nacional ‘territórios da cidadania’. Esta concepção de território como pequeno e local, muitas vezes genérica, é dominante também nos programas de desenvolvimento territorial ou local divulgados a partir das agências multilaterais.

<sup>iii</sup> O estudo foi feito a partir do levantamento de um trabalho de campo realizado em fevereiro, maio e agosto de 2005. Nele, foram feitas observações das atividades cotidianas e de alguns eventos das organizações – festivais, feiras– junto com entrevistas com seus membros. Foram visitadas e entrevistadas também organizações e pessoas ligadas a ambos os movimentos – escolas, outros movimentos sociais, vizinhos. Desta forma, gostaria de agradecer toda a atenção e disposição das pessoas entrevistadas para a pesquisa e a colaboração desinteressada de professores e colegas como Virginia Manzano (UBA), Héctor Palomino (UBA), Héctor Poggiese (FLACSO-Argentina), meu tutor CLACSO durante o trabalho de campo, Gabriel Fajn (UBA), e meu orientador de tese de doutorado, Carlos Vainer. Sou grato também ao debate dos resultados com colegas e professores também IPPUR como Ana Clara Torres Ribeiro, Henri Acselard e Frederico Araújo e participantes da minha banca de qualificação do projeto de tese de doutorado, como Carlos Walter Porto Gonçalves.

<sup>iv</sup> Desocupados, no nome original em espanhol, deve ser entendido como Desempregados.

<sup>v</sup> Ver Flores (2002) e boletins do MTD (2002, 2003, 2004).

<sup>vi</sup> A primeira surge na última ditadura militar (1976-1983), com as passeatas feitas na Plaza de Mayo – sede do poder executivo de Argentina – pelas mães que reclamavam pela localização de seus filhos que, na sua maioria torturados e assassinados pela ditadura clandestinamente, são hoje conhecidos como “desaparecidos”. A partir do ano de 2001,a associação das Madres de Plaza de Mayo tem sua Universidade Popular e realiza ações públicas que, além da defesa dos direitos humanos e a busca dos desaparecidos e punição para seus executores, remetem a um ideário socialista. O IMFC é uma instituição formada em 1958 e que procura fomentar o cooperativismo na Argentina, tanto com recursos monetários quanto, fundamentalmente, difundindo pesquisas e atividades culturais dentro do “ideal cooperativista”. Ver <[www.madres.org](http://www.madres.org)> e <[www.imfc.com.ar](http://www.imfc.com.ar)>.

<sup>vii</sup> Para o fenômeno da ocupação de terras em La Matanza na década de 1980, ver Merklen (1991). Para a ação política em setores populares na década de 1970 na Argentina, ver Aguirre e Werner (2007).

<sup>viii</sup> Agradeço à pesquisadora Virgínia Manzano um melhor entendimento do heterogêneo *universo matancero*, e aos membros e vizinhos do MTD, especialmente com os de maior trajetória dentro de seu entorno territorial.

<sup>ix</sup> Devo e agradeço a descoberta desta entrevista e esta aproximação às questões aqui em discussão ao Prof. Carlos Walter Porto Gonçalves, membro da banca de qualificação de meu projeto de tese.

<sup>x</sup> Neste sentido, é bem ilustrativo o empreendimento de “alojamento e estágio” para pesquisadores e militantes internacionais e sua divulgação na imprensa tanto argentina quanto internacional, sendo que a primeira não é aceita pelos membros do MTD por causa do “...tratamento banal que dão à atividade, como se fosse uma simples atividade de recriação e turismo...”. Ver Artusa, 2005 e Folha de São Paulo, 24/07/2005.

<sup>xi</sup> Ver os relatórios World Development Report del Banco Mundial, especialmente os dos anos 2002 e 2003 <[http://www.bancomundial.org/infoannual/pdf/inf\\_03/AR03%20Spanish%20Cover.pdf](http://www.bancomundial.org/infoannual/pdf/inf_03/AR03%20Spanish%20Cover.pdf)> e os

---

documentos e relatórios da Fundação Poder Ciudadano: <[www.poderciudadano.org.ar](http://www.poderciudadano.org.ar)>. Ver também: Tosi, La Nación, do 12/06/2005.

<sup>xii</sup> Entrevistas em janeiro de 2010 com lideranças de APROFA, e lideranças e membros do MTD, respectivamente.

<sup>xiii</sup> Ver os artigos do jornal La Nación: DI NATALEa, 2010 e FERNANDEZ DIAZ, 2009.

<sup>xiv</sup> Entrevista com Victor De Gennaro, CECEÑA, 2001; tradução minha.